

O olhar de Ícaro: um mergulho na tessitura do vivido na cidade de Natal (RN)

The look of Ícaro: a dive into the texture of life in the city of Natal (RN)

Emilly Domingos da Silva ¹

Eugênia Maria Dantas²

Resumo

No hodierno as cidades se transformaram em uma massa desforme e em constante transmutação, e nesse local algumas problemáticas emergem de forma mais voraz e podem ser observadas através das nuances da morfologia da paisagísticas, como por exemplo os fenômenos da violência. Buscando efetuar uma realocação do lugar do olhar perante a geopoética da paisagem, escolhemos como campo empírico o bairro de Cidade Nova, localizado na Zona Administrativa Oeste de Natal, RN. Esse lugar carrega consigo a estigma de perigoso e degradante, mas poderia uma nuance do lugar determinar todo um território? Desse modo objetivamos evidenciar os traços particulares do bairro de Cidade Nova, indo de encontro as nuances cotidianas, traços que muitas vezes são ocultados e aqui buscaremos desvelar as singularidades do lugar que são crivadas pelas subjetividades dos sujeitos. Assim para alçar tal objetivo, efetuou-se uma sistematização de ideias referentes a autores como Tuan (2015) e Bauman (2007) e a temática das urbes contemporâneos e do passado; Rolnik (1995) a cidade e o urbano, Besse (2014) e a paisagem como recortes pictóricos expressão das subjetividades humanas. Nesse sentido, tais autores deram base par efetuação da metodologia do olhar de Ícaro, isso é visão de afastamento e aproximação que contam-nos sobre as singularidades do bairro de Cidade Nova, tal olhar permitiu desvelar marcas que estão expressas na paisagem e muitas vezes não são vistas pelo olhar, assim promoveu-se uma realocação do lugar do olhar permitindo a visualização das mensagens ocultas na morfologia da paisagem.

Palavras-Chave: Paisagem 1; Vivido 2; Bairro de Cidade Nova 3.

Abstract:

In the present day, cities have become a shapeless mass in constant transmutation, and in this place some problems emerge more voraciously and can be observed through the nuances of landscape morphology, such as the phenomena of violence. Seeking to effect a reallocation of the place of the gaze before the geopoetics of the landscape, we chose as empirical field the district of Cidade Nova, located in the West Administrative Area of Natal, RN. This place carries the stigma of dangerous and degrading, but could a nuance of place determine an entire

¹ Mestranda do programa de pós graduação e pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN / Emillydoomingos@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7165-5352>

² Chefia do Departamento de Geografia - DGE da Universidade Federal do Rio Grande do Norte / eugeniadantas@yahoo.com.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-7082>

territory? In this way we aim to evidence the particular traits of the Cidade Nova neighborhood, going against the daily nuances, traits that are often hidden and here we seek to unveil the singularities of the place that are sifted through the subjectivities of the subjects. Thus, to achieve this goal, we carried out a systematization of ideas relating to authors such as Tuan (2015) and Bauman (2007) and the theme of contemporary and past cities; Rolnik (1995) the city and the urban, Besse (2014) and the landscape as pictorial clippings expression of human subjectivities. In this sense, these authors have given basis for carrying out the methodology of the Icarus look, that is the vision of distance and approach that tell us about the singularities of the Cidade Nova neighborhood, this look allowed to unveil marks that are expressed in the landscape and are often not seen by the eye, thus promoted a relocation of the place of the look allowing the visualization of hidden messages in the morphology of the landscape.

Keywords: Landscape 1; Lived-in 2; New Town Neighborhood 3.

Introdução

A cidade é o campo de experiências, que denota em suas entrelinhas a poesia verbal e não verbal, é o ontem e o hoje mistificado em um recorte espacial, é condicionante e condicionada pelo espaço e sua trama do vivido, ou seja, a cidade é um quadro em constante movimento e atualização. Compreender tal quadro múltiplo, tornou-se fundamental para alçar a complexidade da realidade contemporânea, pois o espaço urbano carrega as marcas de múltiplos eventos que passam a modificar a estrutura espacial, dentre esses destacamos o processo de expansão urbana irregular, característicos dos países do sul, que carregam em sua epiderme as marcas das desigualdades socioespaciais. Tal processo corrobora para que parcelas desses espaços apresentem dinâmicas desiguais e irregulares.

A construção de uma imagem sócio territorial é uma ferramenta poderosa para categorizar e classificar os fragmentos espaciais. As tramas espaciais do vivido, que se desenvolvem, são responsáveis pela percepção espacial que se espraia, para além das fronteiras do lugar. A partir de um discurso, ou da análise de um acontecimento, traça-se uma rede de afetações materiais e imateriais que tocam os indivíduos e assim cria-se uma imagem socioespacial de um lugar.

Nesse ambiente de ebulição e construção, rotineiramente somos bombardeados por milhares de informações, a grande maioria da população tem acesso a meios de comunicação como televisão, redes sociais, rádios e podcasts que narram o atual caos moderno que se instalou nas grandes urbes. Todos têm uma opinião para expressar, subitamente tornam-se especialistas sobre determinado assunto, e para tal basta ler uma mensagem compartilhada através de aplicativo de mensagem. Encontramo-nos imersos numa nova realidade onde tem-se tornado difícil diferenciar a realidade do vivido das impressões pessoais e inverdades partilhadas. Nesse contexto de informações em excesso, as notícias corroboram com a construção da imagem de um determinado lugar. Diante do exposto objetiva-se analisar a paisagem citadina a partir da visão de sobrevoo de Ícaro como um instrumento linear de aproximação e afastamento das tramas que ocorrem no bairro de Cidade Nova.

O local escolhido como objeto de estudo, que trata da realocação do olhar no lugar de olhar, é o bairro de Cidade Nova, localizado na Zona Oeste de Natal - RN. Vale ressaltar que a ocupação das terras do que hoje se define como sendo o bairro de Cidade Nova foi iniciada em meados da década de 1960 segundo a SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (2012), os primeiros moradores são oriundos do interior Norte Riograndense. A ocupação dessas terras foi ampliada com a criação do Loteamento Habitacional da Esperança, uma ação vinculada ao governo de Aluizio Alves, nesse período ocorreu a instalação de infraestruturas básicas como estradas, fontes hídricas, rede elétrica, iluminação pública, transporte público ações que estimulou a atração populacional para aquele local. Segundo a SEMURB (2012) o bairro de Cidade Nova ocupa uma área de 262.12 há, contendo 17.651 moradores e estando inserida na Zona Oeste de Natal - RN, segundo o IBGE (2010).

Destarte, que esse é um espaço carregado de marcas simbólicas e identitárias, pois esse é o bairro onde cresci e construí laços durante minha vida. Esse é o lugar onde encontra-se a Escola União do Povo, que foi construída pela união e força dos próprios moradores; é onde ver-se crianças jogando bola nas dunas; senhoras sentadas a calçada conversando e observando a rua; a cigareira de seu Zé Galo, que está mais de 20 anos no mesmo lugar, e durante toda a minha infância comprei balas e sorvetes; Árvores enormes de Carolina, que

produz pequenas sementes vermelhas e na época de floração, as calçadas da Avenida Solange Nunes, são tingidas por centenas de pontos vermelhos e as crianças passam a brincar de recolher e armazenar essas sementes. Porém esse campo de visibilidade e convivialidade que estou inserida não me impede de observar as mazelas que vem perseguindo e se instalando no bairro de Cidade Nova. Ao longo dos 23 anos que moro no bairro, fui espectadora vívida de suas mudanças, o bairro que representava acolhimento e segurança passou por um processo de modificação em sua tessitura territorial, e agentes externos passaram a afetar esse território. Nesse sentido, tal perspectiva é criada por uma análise dos espaços vividos. Pois, segundo Serpa (2021):

Uma geografia dos espaços vividos pode e deve dialogar e interagir com outras formas de conhecimento geográfico, outros modos de produzir, criar e representar espaços, com as paisagens - e também os lugares e regiões - vernaculares, enraizados na sabedoria e na experiência popular, com as filosofias espontâneas e as histórias vividas, buscando prospectar outros mundos e futuros possíveis (SERPA, 2021, p.32).

Desse modo, objetivamos evidenciar os traços particulares do bairro de Cidade Nova, sob o prisma de uma análise irrigada pela fenomenologia, que será acessada através da descrição de sensações que são evocadas através de um recorte da paisagem. Tal perspectiva busca desvelar, ao abrir novas portas, a leitura e interpretação da paisagem indo além de suas formas visíveis, revelando-nos as experiências, sensações, imaginários, ausências e presenças que se completam e passam a dar novas gradações ao ser no mundo desvelando assim sua essência.

Na tentativa de fomentar procedimentos metodológicos que corroborem para alçar o objetivo aqui proposto, efetuou-se o levantamento bibliográfico e a sintetização de ideias referente a autores como: Tuan (2015); Bauman (2007); Rolnik (1995); Secchi (2006); Ferrara (1988) e Besse (2014). Em um segundo momento, efetuou-se a etapa de práxis, isto é, a união entre o teórico e o empírico, e para tal efetuou-se explorações no bairro de Cidade Nova. Para efetuar tal retomada remeteu-se como procedimento metodológico o olhar de Ícaro isso é, busca-se justamente a inebriante sensação da visão holística espaço vivido, apoiada no

exercício de aproximação e afastamento que permite-nos tecer e contrair as linhas tênues das tramas singulares que animam e dão tons pulsantes ao bairro de Cidade Nova.

Desse modo, tal pesquisa pauta-se metodologicamente na busca pela visão contemplativa, atravessada pela dimensão da escala de análise, que permite-nos ir de encontro às intersubjetividades que ocorrem sobre esse lugar. Seja por meio das pichações que demarcam o território de uma determinada facção criminosa, são as crianças que brincam na rua, e preenchem o espaço com sua correria e seus gritos de êxtase. Sendo assim o exercício de aproximação e afastamento, tendo como base o sobrevoo de Ícaro, permite-nos adentrar no cotidiano do bairro de Cidade Nova de modo essencialista e assim ir de encontro as tramas que animam e são vida para o lugar, esse que é transvestido pela subjetividade dos moradores, já que esses são agentes que afetam e são afetados pelas nuances do espaço vivido.

Portanto, inicialmente em busca de uma visão da amplitude utilizou-se como ponto de apoio o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, um dos pontos mais altos do bairro de Cidade Nova. Em um outro ângulo, buscou-se efetuar um mergulho de encontro ao vivido espacial, e para isso transcorreu-se diversas vezes as ruas do bairro em busca da essência do lugar, onde fotografias da morfologia paisagística foram efetuadas, esses registros demonstram a geo-história do bairro de Cidade Nova, uma aproximação com suas redes que são tecidas cotidianamente. E por fim, o momento de sistematização do conteúdo obtido e redação do artigo. Vale ressaltar que buscou-se efetuar análises alicerçadas em perspectivas exploratórias do lugar, abordagem irrigada pela perspectiva fenomenológica.

Buscando responder de que modo a análise da paisagem contribui para compreender as nuances do vivido espacial. Esse artigo se subdivide em um primeiro momento nesta introdução, que conta com uma breve inserção da problemática aqui tratada. O segundo momento, trata da cidade contemporânea e a paisagem como uma categoria de análise e por fim, adentra-se ao sobrevoo de Ícaro e sua visão holística sobre do lugar.

O contexto macro: entrelaçando conceitos

A modernidade passou a impor uma nova dinâmica aos núcleos urbanos, as grandes cidades foram submetidas a novos processos inconstantes e fluidos. A imagem criada a partir das cidades da Idade Média, circundada por muralhas, portões e guardas, onde o dentro representava segurança, e o fora representava o perigo latente, não existem mais! As muralhas que protegiam as fronteiras das cidades foram eclodidas, os portões foram abertos e os guardas dissolvidos no espaço e invisibilizados, pois a cidade moderna carrega a ideia de liberdade, a quebra de barreiras, acredita-se que na cidade todos os sonhos podem ser conquistados, basta elencar o esforço necessário para que isso ocorra. Nessa perspectiva a cidade passa a fomentar um sistema de desigualdades que impera para cumprir os desejos de um modelo capitalista expropriador, nivelando direitos a uma mercadoria, bens que precisam ser adquiridos pelos cidadãos, contrariando a cidadania como um direito e passando essa a ser uma mercadoria.

Mas o que difere a situação das urbes hodiernas, geridas pelas incertezas e o caos, das cidades do passado? Tomando como exemplo de comparação as cidades medievais, Tuan (2015), afirma que estas eram circundadas por muralhas consagradas para que pudessem expulsar os demônios, as doenças e a morte, ou seja, os perigos que a persistência do caos sempre traz. A organização espacial, dessa perspectiva, trazia o ordenamento associado a força mítica e religiosa, pois essas eram guias importantes para reger a política, a economia, o controle dos seres em suas insistentes buscas de ordenamento do mundo. Nas antigas tessituras citadinas o sobrenatural era difundido no cotidiano dos habitantes, criaturas como anjos e demônios ocupam o mesmo local que os indivíduos e os acompanhavam por todos os lugares.

As muralhas das cidades medievais representavam segurança, a esperança de manter os perigos sobrenaturais e naturais “fora” espreitando os portões, o “dentro” era o local seguro livre do mau, da violência e do medo. Tuan (2005) coloca-nos que na Idade Média personificações como as bruxas e demônios ocupavam lugares de destaque, usados para convencer a sociedade da necessidade de serem virtuosos e bons, uma lembrança constante que a cidade era “segura” e controlada. A cidade representava o ponto de segurança, e as

estradas eram tidas como o perigo, o desconhecido, o espaço onde os vagabundos e retirantes estavam a espera para matar, roubar, estuprar, ou seja, era melhor se manter dentro das muralhas da cidade onde havia uma proteção física contra os inimigos. As muralhas medievais vão se desfazendo em favor de uma outra configuração espacial urbana, voltada para abrir as fronteiras, permitir o fluxo, favorecer a troca e a integração espacial e abrigar as experiências das margens.

A cidade que se abre para a Modernidade reconfigura-se em uma malha pela qual não passa apenas o fio de Ariadne ou as consagrações religiosas. Esse olhar para o que está fora de seus limites permite enxergar um novo caos, e contraditoriamente, erigir um campo de batalha onde os indivíduos, cada vez mais agem obcecados pela rigidez, separação, pelo estabelecimento de novas fronteiras, que garante a segurança e manutenção da ordem. Olhar para fora significou incorporar a segurança como um exercício de criar fronteiras. Segundo Bauman (2007, p.8) “é justamente essa firmeza de fronteiras e essa segurança da vida dentro delas que geram um domínio ilusório, e parecem ter a tendência de permanecer como ilusões”.

Destarte a cidade moderna segundo Rolnik (1995, p.8) “nasce com o processo de sedentarização e seu aparecimento delimita uma nova relação homem/natureza”. Quando pensamos em cidade, em específico na cidade contemporânea remetemo-nos a grandes prédios, fluxos e movimentos constantes de pessoas, veículos, conflitos, encontros e desencontros. Diante desse quadro, Rolnik, afirma:

O espaço urbano deixou assim de se restringir a um conjunto denso e definido de edificações para significar, de maneira mais ampla, a predominância da cidade sobre o campo. Periferias, subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas recobrem e absorvem zonas agrícolas, movimento incessante de urbanização. No limite, este movimento tende a devorar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo (ROLNIK, 1995, p.12).

Na contemporaneidade a cidade vem assumindo novos papéis no tocante à vida social, política, cultural e econômica que são impulsionados pelos processos de globalização que estão em constante reconstrução, segundo Secchi (2006):

Fora do mundo ocidental, algumas cidades cresceram desmesuradamente, propondo modelos, temas e problemas parcialmente diversos daqueles conhecidos da experiência européia e norte-americana. Essas cidades tornam-se, ao mesmo tempo, espantosas concentrações de pobreza e importantes novos centros da economia mundial. Em outras palavras, o século breve pode ser interpretado como uma longa, e muitas vezes difícil, transição de uma forma de cidade que só agora começamos a compreender (SECCHI, 2006, p.86).

Sendo assim, a cidade contemporânea é múltipla, é ao mesmo tempo lugar de encontro e des-encontro, acolhimento e afastamento, lar e trabalho, conglomerado de escritórios, lojas, equipamentos públicos e privados, pessoas e sentimentos. A cidade é a expressão do acúmulo de tempos, matérias, técnicas, formas, fluxos e fixos pautada em uma complexa trama, que expressa a implosão do tempo linear e uniforme, a cidade passa a ser uma composição simbiótica do ontem e do hoje em constante ebulição. O uso urbano passa a transfigurar a cidade em um palco escrito e reescrito continuamente um quadro que representa o passado e o presente, tudo passa a se incorporar nas mensagens escritas na tessitura cidadina. Ferrara (1988, p.40) afirma que a “cidade é mensagem à procura de significado que se atualiza em uso”.

Inicialmente pode-se elencar um questionamento sobre o que é paisagem? tecer considerações sobre tal questionamento não é algo simples, entretanto pautada nos conhecimentos previamente estabelecidos, de modo quase que imediato, remetemo-nos a definição de Santos (2007, p.61) a paisagem é “[...] tudo aquilo que nossa visão alcança”. Mas tal definição abarca toda a complexidade que se mistifica e transcorre no conceito de paisagem?

Aqui trataremos a paisagem como uma categoria de análise, essa torna-se o lugar de encontro entre o passado e o presente, é o ontem e o hoje que leva tatuado em sua derme o embate entre processos naturais, sociais, políticos e econômicos. Mas as nuances da paisagem vão além, de modo simbiótico, essa passa a produzir afetações e ser afetada, de modo a refletir os anseios das populações, identidades, histórias, memórias e experiências em constante transmutação.

Diante da complexidade que se impõe na contemporaneidade, a paisagem ganha contornos ainda mais dramáticos devido à polissemia e à fluidez do conceito. Besse (2014)

propõem cinco modos de analisar o pensamento paisagístico, que coexistem e se articulam, sendo esses:

a paisagem é considerada como uma representação cultural (principalmente informada pela pintura), como um **território produzido pelas sociedades** na sua história, como um **complexo sistêmico articulando os elementos naturais e culturais** numa totalidade objetiva, como um **espaço de experiências** sensíveis arreadas às diversas formas possíveis de objetivação, e como, enfim, um local ou um **contexto de projeto** (BESSE, 2014, p.12).

Diante dessa perspectiva, entendemos a paisagem como uma representação cultural e social, nessa concepção essa é um ponto de vista, uma forma de pensar e ler o entorno vivido. Nesse prisma a paisagem não existe, essa faz alusão ao que os sujeitos percebem e dizem sobre ela, segundo BESSE (2014, p.13) “Ela é um tipo de grade (retícula) mental, um véu mental que o ser humano coloca entre ele mesmo e o mundo, produzindo, como essa operação, a paisagem propriamente dita”. Sendo assim, a paisagem conta-nos a história dos homens e dos grupos ao qual estão inseridos, seus valores e princípios que criaram o mundo exterior. Tal aceção parte da proposição da percepção dos sujeitos, cada indivíduo enxerga seu entorno com cores, vibrações, volumes e especificidades singulares de acordo com as experiências posteriormente vivenciadas. Ou seja, a paisagem é assim uma representação das subjetividades, sendo essa uma expressão humana uma “Iconografia da paisagem”. Diante de tal horizonte, é totalmente plausível mencionar a paisagem como modelos pictóricos, um quadro ou uma janela que captura um determinado ângulo da totalidade.

Diante do exposto temos a ideia de paisagem como artefato e como um sistema que carrega em seu cerne marcas produzidas no doce amargo cotidiano humano, essa é condicionada e condicionante de vivências, dores e sabores é como um espelho fragmentado que reflete as marcas socioespaciais de um lugar, assim de acordo com Serpa (2011, p.15) “A paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é una sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados”. Desse modo, a paisagem é forma em constante transformação essa é afetada pelos múltiplos aspectos do cotidiano vivido, ocultando e revelando suas formas e funções, pois a paisagem mente e conta-nos somente o

conveniente sobre o jogo de desvelamento socioespacial a qual o ser é submetido. Assim buscamos as nuances do real-abstrato que ocorre no âmbito essencialista do lugar, e a paisagem serve como reflexo desse processo, nesse quadro buscamos dar luz as tonalidades invisíveis que muitas vezes passam despercebidas manifestações que ocorrem nas entrelinhas dos esquecimentos, ocultações e lembranças que são expressas na morfologia da paisagem, consoante a Serpa (2011).

O bairro de Cidade Nova – um movimento de aproximação e afastamento com o espaço vivido

Proponho aqui efetuar a operacionalização do olhar de Ícaro. Isso é, Mito Grego de Ícaro, o filho de Dédalo que era o responsável pela construção de um Labirinto, ordenado por Minos de Creta, para aprisionar o Minotauro. Por ter ajudado a filha de Minos a fugir com um amante, Dédalo e seu filho Ícaro foram condenados à morte, sendo jogados no Labirinto do Minotauro. Na tentativa de fugir, Dédalo astuciosamente projetou as asas para que ele e o filho pudessem voar e fugir do labirinto. Dédalo ao entregar as asas a Ícaro o adverte, para voar em uma altura média, e para Ícaro não ir tão próximo do sol, para que o calor não derretesse a cera que colava as penas, nem baixo para que as águas do mar não molhassem. Entrando quando Ícaro experimentou a sensação inebriante do voo e o deleite de conseguir visualizar tudo do céu, esqueceu-se dos avisos do pai e voou cada vez mais alto chegando próximo ao sol, desse modo a cera que prendia as asas derreteu e Ícaro mergulhou de encontro a imensidão do mar.

Segundo Besse (2014, p.103) “Vista do céu, a superfície da Terra torna-se como um playground para a imaginação e a vontade humana”. Sendo assim, a visão do alto não se restringe a um saber-fazer específico, seja esse do campo filosófico, artístico, geográfico e histórico. Mas uma forma de leitura e interpretação do mundo. Ou seja, aqui busca-se encontrar essa inebriante visão da totalidade, o sobrevoo que encontrou Ícaro, fazendo esquecer aos avisos do pai. E para isso tem-se como ponto de observação o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, um dos lugares mais altos do bairro de Cidade Nova, que fornece uma visão panorâmica do bairro. Do alto tem-se a dimensão do tamanho do bairro.

Na figura 1, é possível observar o pôr do sol, a linha do horizonte é cortada por um mix de cores intensas. A dança de aquarela vibrante, com tons de laranja, vermelho e azul que tornam o céu uma tela com tons dramáticos que lembram a noite estrelada de Vincent van Gogh. Ao deslocar o olhar do céu é possível ver pequenas lâminas de luz, aquilo que Milton Santos (2011) denominaria como pontos luminosos, que demonstram-nos a presença da vida pulsante que ocorre nas ruas do bairro de Cidade Nova. Cada pequeno ponto de luz representa uma casa, uma família, vivências e histórias contadas e não contadas, amores, dores, lembranças que se restringem às paredes de suas casas, ou não, é o passado e o presente que se unem na dança de reconstrução espaço-temporal e passam a esculpir a geo-história de Cidade Nova.

Figura 1 - O olhar de Ícaro, uma visão da totalidade



Fonte: Autoras (2022)

A figura 02, vai de encontro a completude do espaço, essa não se conecta à escala real, mas sim uma medida permeada pela imaginação humana, onde o céu é preenchido por tons fortes que se organizam milimetricamente assemelhando-se a uma pintura fauvista³.

³ Movimento artístico que teve início na França em meados de 1905, o Fauvismo tem como principal atributo a utilização de cores puras de modo arbitrário.

Essa é uma lembrança da vastidão espacial, em comparação com a finitude humana, uma janela contemplativa que se abre e enche-nos os olhos, justamente por evocar sensações que se conectam com o ciclo da vida humana, essa é uma alvitre pictórico que se interliga a sensação de fragilidade humana, pois somos incipientes ao compararmo-nos com a amplitude do espaço. E que mesmo após não existir mais humanos habitando o ecúmeno, tal cena continuará a ocorrer, como deu-se posteriormente a nossa passagem contemplativa.

Figura 2 - O olhar de Ícaro, um mergulho panorâmico



Fonte: Autoras (2022)

Destarte, as figuras 01 e 02 se entrelaçam e se misturam, inferirmos que as análises e descrições aqui proferidas estão ligadas às subjetividades, experiências de vida e do modo de observação e leitura do espaço de um sujeito. Certamente outro indivíduo efetuará uma interpretação diferente, por exemplo, a paisagem que vejo cotidianamente quando volto da corrida no Parque da Cidade. A visão de um pôr do sol que lembra-me fim de tarde, cerveja e amigos. Ponto que queremos chegar é que a apreensão do espaço está ligado às experiências de vida de cada sujeito pois cada morador é como um marcador temporal que contém a essência desse lugar, é o sim e o não; é a pichação na esquina que demarca o território de uma facção; são os primeiros raios de sol que iluminam as ruas e muitos moradores já se apressam para sair de casa; é o lixão que foi fechado, e hoje dá lugar a uma associação de

coletores de materiais recicláveis; é o morro, onde muitos moradores vão jogar bola; são os jovens e crianças que passam a caminho das escolas do bairro. Ou seja, a essência de Cidade Nova ocorre nas entrelinhas do cotidiano, associado à vida pulsante que ocorre nesse lugar e vai muito além das amarras da violência e do medo do crime.

Como Ícaro observou do alto, as feições de um lugar que carrega consigo marcas cronológicas de suas vivências, memórias, histórias e discursos propagados. Mas essas nuances do “dito” são suficientes para determinar a essência desse lugar? A resposta a tal questionamento inicialmente parece-me direta e simples, Não. Poderia reduzir um espaço ao discurso propagado sobre ele? Tal movimento culminaria por soterrar e apagar toda a geohistória, vivências e memórias que esculpir as feições de Cidade Nova, essas nuances que passam a colorir e dar vida às ruas, que carregam em sua epiderme a existência pulsante que é animada e redesenhada pelo barulho dos risos das crianças, que correm e brincam sob olhar de supervisão de seus pais, ou pelos idosos que se sentam na calçada a tarde para observar a rua e conversas com seus vizinhos.

Ou seja, a trama que envolve Cidade Nova é densa e complexa e não pode ser reduzida aos processos violentos, que são regados pelas nuances do medo do crime que ocorrem nesse espaço. Tal associação simplista acaba por ocultar e reduzir as múltiplas dinâmicas que se dão em Cidade Nova, e aqui buscamos justamente expor e delimitar a pluralidade que ocorrem nesse espaço, demonstrando suas nuances ontológicas indo além de tautologias homogeneizadoras, e assim distanciar-se de discursos perpassados sobre a narrativa da insegurança de Cidade Nova e passar a denotar os processos de construção e reconstrução que ocorrem no bairro, que estão associando fenômenos como a violência, mas indo além, enfatizando as variações e diversidade que ocorrem no cotidiano e passam a reescrever a trama cidadina de Cidade Nova.

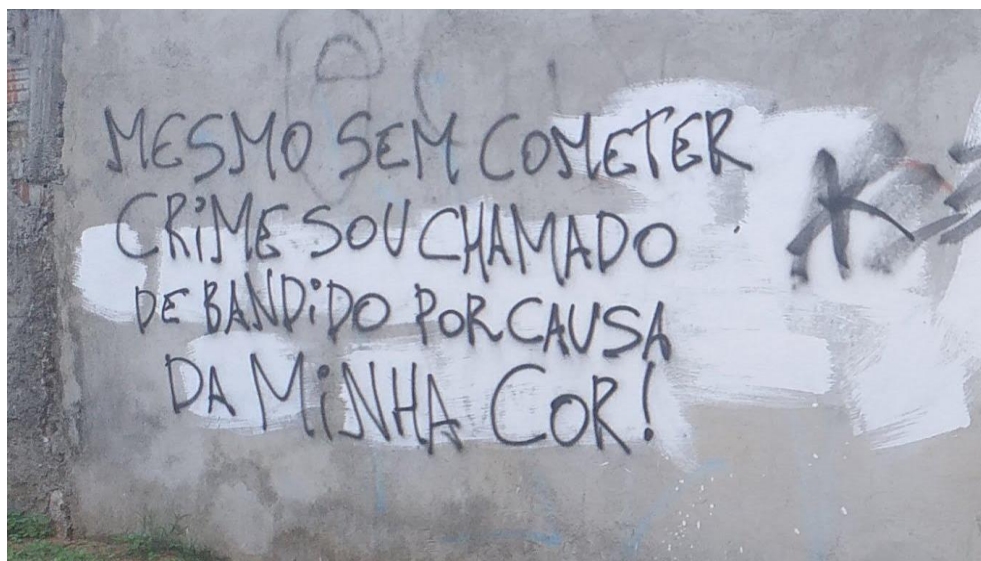
Pondo em prática o exercício de aproximação do sobrevoo de Ícaro, vamos de encontro ao território vivido de Cidade Nova, onde algumas singularidades são esquadrihadas ao efetuar esse movimento escalar de aproximação, como pode ser observado nas figuras 3 e 4.

Figura 3 - Demarcação territorial: um embate de micropoder



Fonte: Autoras (2022)

Figura 4 - O grito dos silenciados: um apelo por visibilidade



Fonte: Autoras (2022)

Por conseguinte, como visto nas figuras 3 e 4 em Cidade Nova é possível encontrar marcas espaciais que representam as “falas da cidade”, isso é, um modo de equalizar os fenômenos que ocorrem em determinado recorte e afetam as vivências dos moradores. Essa expressão é evidenciada por meio da morfologia da paisagem, mas entendemos essa como

arte-fato, isso é, nuances factuais que englobam a arte de viver e resistir às nuances impostas pelo sistema. Desse modo, nuances como a poesia, dança, música, pintura e etc. se transmutam em um modo de resistir e amplificar a voz de um grupo que encontra-se precariamente incluído nas arestas do sistema.

A figura 3 representa a demarcação territorial de uma facção criminosa, através dessa pichação o grupo impõe sua presença no cotidiano dos moradores, demonstrando seu poder sobre esse recorte espacial. As marcas da paisagem muitas vezes começam a passar despercebidas pelos moradores, pois passam a incorporar-se no seu cotidiano. As nuances que posteriormente causavam estranheza e espanto passam a associar-se ao cotidiano do morador, transmitindo uma sensação de “normalidade”. As figuras são uma demonstração de dominância territorial, para outros grupos criminosos e para os moradores, uma lembrança in-constante da presença desse poder na trama do bairro de Cidade Nova.

A figura 4 é possível observar a seguinte frase “MESMO SEM COMETER CRIME SOU CHAMADO DE BANDIDO POR CAUSA DA MINHA COR!”. Esse recorte da paisagem aqui retratado é extremamente forte e carrega marcas do racismo estrutural que se entrelaçam às vivências do povo preto, principalmente aos advindos das comunidades periféricas onde as condições de vida tornam-se precarizadas devido a insuficiência das políticas públicas. Pois segundo Nascimento (2021, p. 35) “o preconceito racial contra o negro é violento e ao mesmo tempo sutil” passando a agir nas entrelinhas da vida do sujeito, o afetando de um modo que esses atos crivados pelo racismo estrutural são “normais”.

Diante de tudo que foi exposto pode-se observar as singularidades existentes na tessitura do bairro de Cidade Nova e como os moradores são afetados diretamente por essa trama espacial que se dá naquele território. Conforme Santos (2011) cada homem vale pelo lugar onde está. Desse modo, pode-se elencar que as nuances da cidadania estão ligadas diretamente à posição do indivíduo no território, as oportunidades e experiências são diferentes de acordo com o lugar que se está inserido e somente a emancipação do pensar é uma ferramenta para a modificação e questionamento dessa realidade.

Considerações finais

Através de perspectiva proposta pelo olhar de Ícaro é possível identificar as marcas, sinais, sons, pontos de referências que desenham a morfologia da paisagem e passam a contar a geo-história do lugar, de pessoas, ideias e fluxos que gritam e evidenciam as singularidades de Cidade Nova. Isso é, as vivências do bairro carregam em suas entrelinhas a identidade, vivências e memórias, evidenciando os processos violentos objetivos e subjetivos que acontecem nesse território.

Neste artigo é possível observar nuances da tessitura de Cidade Nova que muitas vezes só são conhecidas pelos moradores, que são embebidos cotidianamente por essas singularidades do território. Ou seja, o exercício de aproximação e afastamento aqui efetuado faz-nos mergulhar de encontro à trama do vivido de Cidade Nova, e esse território abriga a complexidade da vida humana que está em constante (re)construção e não pode ser tratado de maneira simplista e excludente. Ao analisar as singularidades territoriais, como as aqui expostas, foi possível identificar as particularidades de Cidade Nova através da paisagem, onde as pichações emergem como uma forma de demarcar poder, no caso dos grupos criminosos, e/ou de resistência, como as marcas que evidenciam o racismo estrutural que rotineiramente aflige de modo homeopático os habitantes das comunidades.

Desse modo, pode-se concluir que a metodologia de afastamento e aproximação, pautada no voo de Ícaro, nos permite adentrar as especificidades espaciais, transpassando entre a visão da totalidade e as tramas singulares que ocorrem em Cidade Nova. A análise acerca de uma temática tão delicada com um olhar uno perante o vivido territorial dispõe como um elemento fundamental, pois o estudo de aglomerados subnormais como Cidade Nova, corrobora-se com a compreensão das dinâmicas espaciais desses locais. O que é fundamental, devido às atuais ramificações socioespaciais, que culminam por amplificar mazelas sociais que atingem a população.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**; tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

FERRARA, Lucrecia d'Álessio. **Ver a cidade**: Cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. Coleção Primeiros Passos; 2007.

Santos, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. Tradução Marisa Barda e Pedro M. R. Sales São Paulo: Perspectiva, 2006.

SERPA, Ângelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

SERPA, Ângelo. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. **Formação** (Online), v. 2, n. 14, 2011. DOI: 10.33081/formacao.v2i14.642. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/642>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, Emilly Domingos da. Violência e medo do crime: tipologias territoriais no bairro de Cidade Nova, Natal - RN. 2021. 104 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)**, bacharelado em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução :Lívia de Oliveira - Londrina: Eduel,2015.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu, 1930 - **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2015.